

AGOSTINHO DE HIPONA E O ESPANTALHO CÉTICO

João Victor De Melo Lopes (joaovictorr.melo@gmail.com)

Rodrigo Pinto De Brito (www.rodrigobrito@gmail.com)

A pesquisa atual visa mostrar que Santo Agostinho ou Agostinho de Hipona, não consegue fazer críticas ao ceticismo Acadêmico. Ceticismo Acadêmico é uma corrente de pensamento filosófico que, em termos gerais, pode ser caracterizado pela dúvida, isto é, que está sempre investigando. Entretanto, Arcesilau, que é o fundador dessa fase da escola cética, irá afirmar que o homem jamais poderá chegar a um conhecimento verdadeiro de forma absoluta, pois não temos certeza de nada. E um outro integrante dessa fase cética, a saber, Carnéades, irá afirmar também que o conhecimento é impossível e não há critério algum para a verdade. Mas isso não significa que eles viveram de forma inativa, isto é, que não agiam, cada um desenvolveu um termo para a vida prática. Por outro lado, a crítica de Agostinho de Hipona vai nessa linha, ou seja, de tentar refutar o ceticismo Acadêmico de que não é possível apreender a verdade. Mas como as fontes de Agostinho eram limitadas, vindas através de Cícero, esse no qual traduziu "pithanon" que é um termo grego desenvolvido por Carnéades, como veri simile, (semelhante à verdade), por exemplo, pode ser contestado. Pois "pithanon" tem um sentido forte de tradução como "persuasivo" ou "convicente", o que já coloca em evidência a crítica agostiniana. Outro ponto a ser destacado da crítica de Agostinho, é a objeção da inação que ele desenvolve no livro "Contra os Acadêmicos", cabe ressaltar que esse livro é a base da pesquisa. Agostinho,

então, desenvolve uma objeção da inação, isto é, se um indivíduo suspende o juízo para tudo, ele não é capaz de agir e por conseguinte, não é feliz. Isso porque para Agostinho de Hipona, para alguém ser considerado sábio, ele precisa conhecer a verdade e dar assentimento, isto é, afirmar algo e, por conseguinte, se tornar feliz. Com isso, conclui-se que para Agostinho, um cético Acadêmico não é sábio e nem é feliz e que, além disso, isso levaria a implicações éticas, isto é, um cético também não seria capaz de afirmar que tal atitude é antiética ou antimoral, pois ele suspende o juízo. O problema dessas afirmações de Agostinho é que não condiz com o que entende-se como ceticismo, mais especificamente, como ceticismo Acadêmico. Pois o que os Acadêmicos duvidam ou questionam, não é em relação ao fenômeno, por exemplo, ao ver uma caneta azul em cima da mesa, um Acadêmico não duvidaria que ele enxerga uma caneta azul em cima da mesa, ele não duvidaria que sente fome, sede. Mas duvidaria das coisas obscuras, então, por exemplo, ao enxergar uma mesa de madeira, ele talvez, se perguntasse, é da essência da madeira ser mesa e/ou é da essência da mesa ser de madeira? Em suma, é por esses motivos que Agostinho de Hipona acaba criando um espantalho cético. O problema que o ceticismo impõe é epistemológico e filosófico, Agostinho parte para o campo teológico e subjetivo.

Referências

Agostinho de Hipona. *Contra os Acadêmicos*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo, SP: Paulus, 2008. (Coleção Patrística)

PATRICK, M. Mills. *Sexto Empírico e o Ceticismo Grego*. Trad. Jaimir Conte. Cambridge. Deighton Bel & Co, 1899.

Dutton, D. Blake. *Augustine and Academic Skepticism: A Philosophical Study*. Cornell University Press.

Palavras-chave: ceticismo; agostinho de hipona; epistemologia; conhecimento; dúvida.